



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração simultânea de escolas técnicas e campi  
universitários**

**Palácio do Planalto, 29 de novembro de 2010**

Meu caro companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,  
Companheiro Eloi Ferreira de Araujo, ministro [chefe] da Secretaria de  
Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Companheiros deputados federais André Vargas, Ariosto Holanda,  
Gastão Vieira, Gonzaga Patriota, Paulo Delgado e Paulo Pimenta,

Meu caro Eduardo Madeira [Edward Madureira], presidente da  
Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino  
Superior,

Nossa querida Consuelo Aparecida, presidente do Conselho Nacional  
das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional,

Meus caros companheiros reitores, diretores, prefeitos aqui presentes,

Meu querido companheiro Paim, secretário-executivo do Ministério [da  
Educação],

Nossa querida Maria Paula Dallari, secretária da Educação Superior,

Nosso querido companheiro Eliezer Pacheco, secretário de Educação  
Profissional e Tecnologia [Tecnológica],

Faltou gente do Ministério da Educação aqui na nominata...

Querida Andresa Gomes, a nossa aluna, que falou,

Faltou gente da escola da Universidade Aberta, que está ali atrás, mas,  
de qualquer forma, sintam-se cumprimentados.

Eu fiz questão de citar o nome de alguns companheiros, porque acho  
que o dia de hoje não é dia de discurso meu. Eu acho que é dia de



agradecimento. Nós só conseguimos fazer o que nós fizemos porque o companheiro Fernando Haddad conseguiu montar uma equipe competente que o ajudou a realizar isso. E, ao mesmo tempo, essa equipe competente soube realizar uma harmonização com todas as pessoas envolvidas na área de Educação neste país para que a gente pudesse criar esse clima, clima de fraternidade entre nós, mesmo em situações de adversidade.

A gente poderia, Fernando, ficar aqui contando coisas “nunca antes na história do país”, “nunca antes na história do país”, e a gente não teria... não esgotaria hoje. Porque, uma coisa simples, ou seja, nunca antes na história do país um presidente da República criou o hábito de se reunir com reitores todo ano, sem perder nada, e apenas ganhando uma relação política. Nós tivemos ministros da Educação que foram reitores e que nunca se reuniram com reitores. Eles tinham medo – como tinham medo de se reunirem com prefeitos, como tinham medo de se reunirem com sindicalistas, como tinham medo de se reunir... Porque as pessoas eram eleitas, e eram eleitas para governar para uma pequena parcela da sociedade: aquela parcela com quem jantavam, com quem tomavam café, com quem almoçavam, com quem confabulavam a política.

Ou seja, não se criou a consciência de que este país precisava ser governado para 190 milhões de pessoas, e que este Palácio em que entram reis, em que entram rainhas, em que entram príncipes, em que entram banqueiros, em que entram grandes empresários, em que entram magníficos reitores... Mas entram os estudantes também, entram os funcionários da universidade, entram os catadores de papel deste país, entram os portadores de deficiência, entra a representação das minorias, entram os negros, entram os índios... ou seja, entram aqueles que fazem parte do somatório de 190 milhões de pessoas. É isso que mudou neste país, é isso que mudou.

O Brasil está se enxergando em si mesmo. Aquilo que era motivo de baixa estima, hoje é motivo de alta estima; aquilo que, muitas vezes, um



brasileiro tinha vergonha de, no exterior, dizer que era brasileiro, hoje o brasileiro tem orgulho de dizer que é brasileiro; aquilo que antes vinham os sabidos da Europa e de outros países aqui, dar palpite nas coisas que o Brasil tinha que fazer, se quiserem, hoje, continuem dando palpite, mas vão ter que ouvir também as coisas que nós fizemos de certo aqui neste país.

E não é apenas na área da Educação, é em todas as áreas, em todas as áreas. Em pesquisa, nós estamos batendo países como a Rússia, como a Holanda, já, em publicações em revistas especializadas; fizemos um PAC de R\$ 41 bilhões, e vamos fechar o ano consumindo todos os R\$ 41 bilhões, porque o plano não foi do ministro nem foi nosso, o plano foi da comunidade científica. Ela fez o plano, e ela executa e ela fiscaliza o plano.

E na Educação a mesma coisa. Você imagina que o Vicente Feola, ou o Zagalo era capaz de dizer para o Garrincha e para o Pelé, taticamente, como eles tinham que fazer? A única coisa que eles precisavam era da bola. Ora, qual foi o milagre que nós fizemos neste país? É que, primeiro, nós ouvimos as pessoas que, a vida inteira, brigaram por um tipo de educação, e resolvemos colocar em prática a síntese daquela discussão, onde ninguém ganhava e ninguém perdia, todos ganhavam, sobretudo a sociedade brasileira. Esse é o milagre: a capacidade de ouvir, a capacidade de anotar e a capacidade de depois formular uma coisa que não fosse apenas desse ou daquele técnico, como aconteceu historicamente neste país. A gente não tinha política de ciência e tecnologia, porque era o ministro que fazia. A gente não tinha política de educação porque chegava o ministro da Educação, com as suas teses acadêmicas, e achava que aquilo poderia ser colocado em prática para todo o território nacional, sem compreender a megadiversidade deste país.

Fizemos tudo? Não. Começamos, começamos. E fizemos um bom começo, Fernando, fizemos um começo extraordinário. Eu acho que quem andar pelo Brasil hoje vai compreender o que eu estou dizendo. Meu caro



Paulinho Delgado, nós conseguimos tirar as universidades federais das capitais e levá-las para o interior deste país.

Mas eu ainda não estou contente. Eu não sei se o Fernando ficará, na Educação, não sei. Mas o dado concreto é que, se a gente pegar os estudos, a gente ainda vai perceber que a quantidade de doutores e de mestres no Nordeste e no Norte do país ainda é muito pequena, se comparada às regiões Sul e Sudeste. Como nós não queremos diminuir nas regiões Sul e Sudeste, nós temos que aumentar na região Norte e na região Nordeste. Vai precisar mais dinheiro? Vai. É difícil a gente conseguir o dinheiro? É. Porque cada área acha que a sua área é a mais importante. Aqui no governo, tem a palavra “fundamental”, cada um acha que a sua área é a “fundamental”, e aí todo mundo quer pegar um dinheiro. E obviamente que nós temos gente que olha o orçamento, tem gente que olha... “Olha, o bolso está vazio, não dá para...”

Mas eu acho que nós conseguimos vencer uma outra barreira, que era uma barreira que dificultava a Educação no Brasil: Era que qualquer centavo que a gente precisasse para a Educação, as pessoas diziam: “Não pode gastar”. Olha, se a gente tratar a Educação como gasto, a gente não vai nunca ter dinheiro. Era preciso que a gente fizesse uma aposta no futuro deste país, e a gente pensasse Educação com investimento. Eu... não esses companheiros jornalistas, que não devem estar assustados, mas alguns setores dentro dos jornais em que eles trabalham vão ficar horrorizados com os números que você deu. “Onde já se viu sair de 500 professores para 18 mil? Isso é muito gasto, é custeio. Afinal de contas, vão pagar salário”. De quantos funcionários você falou? Não, você falou de quanto para quanto? De 512 funcionários, para 15 mil. Ah, 12, não 12 mil, só 12. Doze. Então, já saímos de 12 para 15 mil. O outro governo era maravilhoso, porque ele enxugava a máquina: “isso é um verdadeiro choque de gestão!” Ou seja, dois... o que... mas o que... mas o que estava por detrás disso, o que estava por detrás disso? Era porque era preciso parar de investir, era preciso obedecer às ordens do Fundo Monetário



Internacional, e o país não podia gastar. Essa era a lógica. Ao não colocar dinheiro na Educação, o que a gente criou, durante 20 anos neste país? Um exército de jovens que não tiveram oportunidades. Muitos deles, com 25 anos, sendo presos hoje, em qualquer lugar deste país. Porque nos anos 80, nos 90, não tiveram educação e não tiveram oportunidade de trabalhar. Essa é a verdade nua e crua. Eles não nasceram bandidos, eles foram transformados em bandidos por políticas equivocadas, previsões errôneas.

E nós estamos percebendo o que é a motivação da juventude hoje, não apenas nas escolas técnicas, nas universidades, mas em coisas como o ProJovem, programa simples, de quatro meses, cinco meses, seis meses. A quantidade de pessoas que se inscrevem, a fome que eles estão de recuperar e de ter uma oportunidade. Este país tinha jogado fora. E nós, Fernando, apenas começamos, nós apenas começamos.

Um dia, eu estava com o Fernando em Coari, nós fomos inaugurar uma escola, uma universidade lá. E tinha um professor famoso, daqueles que só apareciam em jornais, até da SBPC. De repente, ele estava dando aula em Coari! Imaginou, um homem importante da Educação ir lá para Coari, a 300 quilômetros de Manaus? Por quê? As oportunidades estão saindo, e as pessoas que vão... Uma coisa extraordinária é você encontrar um gaúcho em Garanhuns, era impensável! Você encontrar um paulista na Paraíba. As pessoas morando, trabalhando e gostando. Pessoas que falam: “Eu não volto mais, para ficar naquele trânsito maluco, naquela violência maluca, naquele barulho. Aqui eu estou tranquilo”.

Por isso, Fernando, quanto mais a gente fizer descentralização de oportunidades no Brasil, mais ganha o Brasil. E nós ainda temos uma dívida enorme com as regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste do país. E por isso a gente tem que fazer mais, investir mais, porque a gente não quer tirar das regiões Sul e Sudeste do país.

Uma outra coisa importante, companheiros e companheiras, é a alegria



dessa meninada que consegue fazer uma universidade ou fazer uma escola técnica. Porque o Brasil deu um passo importante nos anos 90, com a universalização da Educação. Mas, quando nós entramos no governo, nós descobrimos que, em alguns estados do Nordeste, as pessoas que tão bem pensaram na universalização não pensaram que depois do ensino fundamental a pessoa precisava estudar. E a gente encontrou quase os nove estados do Nordeste sem possibilidade de as pessoas fazerem o 2º grau, nove estados do Nordeste. Porque me parece que na mentalidade das pessoas de algum tempo atrás, tirou o ensino fundamental, está pronto. O Lula era candidato a presidente e só tinha o ensino fundamental, então vamos... não precisa fazer mais do que isso. Quando, na verdade, as crianças estavam loucas, ávidas com a expectativa extraordinária de aprender.

Eu converso muito. Cada vez que eu vou em uma escola, eu vou visitar laboratório, abraço, faço perguntas, e eu sei o que está acontecendo na alma dessa gente, eu sei o que significa para uma cidade pequena uma escola técnica, uma universidade, o que significa para o desenvolvimento daquela região, sobretudo quando a gente adapta os cursos à realidade do desenvolvimento local. É uma coisa extraordinária.

Então, eu queria agradecer a vocês pela compreensão, pela compreensão no tratamento que vocês tiveram com os meus ministros, na colaboração de vocês na confecção das nossas políticas públicas.

A Universidade Aberta é um sucesso e nós queremos levá-la para todos os países africanos de língua portuguesa, num primeiro momento, para ver se a gente consegue convencer os ingleses e os franceses a fazerem para os países de língua inglesa e língua francesa, que durante tantos anos eles colonizaram. E é uma coisa extremamente importante a gente conseguir formá-los lá, porque normalmente eles vão para outros países, lá ficam, não voltam mais para os seus países de origem, e nós queremos ajudar a África a se desenvolver. Para mim é quase sagrada a história da Universidade Latino-



Americana e da Universidade Afro-Brasileira, é uma coisa marcante. O Brasil tem responsabilidade e tem que assumir essa responsabilidade.

Acho que nós, ainda... Eu saio com uma frustração, que eu sonhava que a gente pudesse fazer uma universidade de Medicina no semiárido nordestino. Ou seja, é uma região muito específica e é uma região muito sofrida, é uma região que envolve mais de 12 milhões – o Ariosto conhece bem –, mais de 12 milhões, ou seja, é uma Suécia, é um Chile, e mereceria a gente ter feito. Mas, também, se a gente fizesse tudo, a gente não ia deixar muita coisa para a Dilma fazer. Então, nós elegemos a Dilma para ela fazer mais e fazer melhor. Além de fazer aquilo que falta fazer, ela tem que fazer muito mais. Até porque ela participou totalmente de tudo o que nós fizemos, ela conhece tudo o que nós fizemos, ela não vai ter que aprender, ela já sabe aquilo que nós fizemos, e ela tem o mesmo compromisso que nós temos.

Obviamente, companheiros e companheiras, que não cabe a mim, vocês sabem que eu sou defensor da ideia de que a Dilma monte o governo à sua cara e à sua semelhança, ou seja, ela tem que escolher o ministério que ela queira, que tenha a cara dela, porque essa coisa é uma coisa complicada. Se você monta um time de futebol e você não comanda os jogadores, os jogadores derrubam o técnico. Então, é importante que o técnico tenha o comando total e absoluto sobre a sua equipe. Um ministro é fácil colocar, para tirar é duro. Só é fácil quando ele quer ser candidato a deputado, a alguma coisa, a governador, ele chega na sua sala com a maior cara de pau e fala: “É fundamental que eu saia, meu povo está me chamando”. Aí, quando é você que quer tirar, você chama ele e fala: “Olha, eu estou precisando da vaga”, e ele fala: “Eu? Por quê?”.

Então, eu acho que a Dilma tem as mesmas preocupações que eu tenho. Ela conviveu comigo todos esses anos, eu acho que ela tem condições de manter essa relação com vocês mais apurada, mais aperfeiçoada. Eu estou dizendo aqui que eu não posso indicar ministro, eu não posso. Ou seja, eu só...



se eu pudesse pedir uma vaga, ia pedir para mim, como eu não posso...

Mas, eu acho que ela vai fazer... eu acho que a Dilma vai surpreender positivamente, em todas as áreas. A mesma necessidade que eu tinha, Fernando, de provar que um metalúrgico poderia governar este país, a mesma, sabe, eu tinha que provar todo dia, eu tinha que provar todo santo dia. E ela tem também tem que provar que a mulher tem competência, porque o preconceito, o preconceito na campanha dela, o preconceito na campanha dela contra a mulher foi mais forte do que o preconceito contra mim, em 2002 e 2006, foi mais forte. Eu não pensei que ainda existisse, com tanta força, essa doença chamada preconceito. É uma mistura de raiva, de ódio, de incompetência, é uma coisa muito pesada. Eu imaginei que no século XXI as pessoas tivessem se modernizado, mas não se modernizaram, não compreenderam que o papel da mulher é um papel aquém [além] daquilo a que a gente estava acostumado no século passado. O século XXI é o século em que a gente tem que provar que a gente quer construir um novo mundo.

Então, Fernando, eu te confesso que eu estou feliz. Pense num presidente feliz. Pense. Eu acho que as coisas aconteceram, acho que quando tiver passado uns quatro ou cinco meses que eu tiver deixado a Presidência, certamente eu vou começar a ver coisas que eu poderia ter feito e que não fiz. E cada coisa que eu tiver, eu passo um bilhetezinho e falo: olha, eu não consegui fazer, se puder façam, porque é importante.

Acho eu muita gente boa vai pegar o Brasil numa situação melhor do que eu peguei, muito melhor, em todas as áreas, não tem distinção, em todas as áreas as pessoas vão pegar um Brasil mais preparado, mais apurado, com mais infraestrutura, com mais esperança, com muito mais perspectiva de futuro do que eu peguei o Brasil.

Quando eu disputei as eleições de 2002, [19]89, [19]98, [19]94, os meus assessores econômicos diziam que o Brasil estava quebrado. E eu falava: então por que eu vou disputar as eleições, se o Brasil está quebrado? O que eu





vou fazer.

Hoje, eu acho que a gente provou o simples, ou seja, com um pouco de ousadia, com um pouco de competência, a gente pode fazer os milagres que pareciam impossíveis de ser feitos. Certamente, a Dilma vai encontrar um país melhor, um país que ela própria ajudou a construir, um país que grande parte dos projetos passou pela mão dela, grande parte das coisas da Educação foram discutidas primeiro na Casa Civil para, depois, chegar à Presidência da República.

E eu queria dizer, ô Fernando, que você não me recompensou direito, porque você está dando uma coleção para o Palácio da Alvorada, só que eu só vou morar ali até o dia 31, à meia noite, e eu vou mudar para São Bernardo do Campo, Av. Faria Lima, 121, Apartamento 122, 12º andar, por favor, me dê a minha coleção. Aí, quem sabe, depois que eu ler, quem sabe depois que eu ler tudo aí, quem sabe eu entre até no Enem e faça um concurso.

Bem, então é isso. Eu quero agradecer a vocês e dizer para vocês que a questão da autonomia foi mais ou menos resolvida, a questão do Fies era uma coisa que me agoniava desde 2005, a gente brigando para ver como é que a gente ia garantir financiamento, graças a Deus conseguimos encontrar a fórmula. E eu acho que cabe, agora, a gente não deixar a peteca cair.

Queria terminar dizendo para vocês o seguinte: companheiros e companheiras, eu tenho consciência de que todos vocês que participaram desse processo são agradecidos e sabem que nós fizemos muito. Mas cada jovem e cada outro professor que não participou disso, vai estar sempre achando que é preciso fazer muito mais. Essa é a coisa fantástica, essa é a conquista da humanidade, ou seja, a gente nunca se contentar com o que a gente tem. Cada conquista que a gente tiver, ela é superada pelo nosso desejo de conquistar um pouco mais amanhã.

Quem está no governo, normalmente fica chateado, porque nesses oito anos, por mais que a gente faça, o cara vem, agradece 30 segundos e



reivindica mais quarenta minutos. É assim. Vale para o movimento sindical, vale na posse da CNI, em que eu fui nesta semana. O cidadão fala trinta segundos de “obrigado” e quarenta de “cobrança”. E sabe que acontece uma coisa maravilhosa? Nós aprendemos a não achar ruim. Nós aprendemos que é assim, porque a pessoa vem cobrar aquilo que a sua base está reivindicando e a gente vai atendendo na medida do possível. Eu tenho certeza de que vocês aprenderam a conquistar coisas, vocês aprenderam. Então, nunca mais, nunca mais um reitor pode deixar de exigir ter uma reunião anual com o presidente da República deste país, quem quer que seja ele, para discutir os assuntos das universidades, e vale para todo mundo. A gente aprendeu a conquistar.

Hoje, mesmo, nós vamos participar da solenidade da Olimpíada de Português. Quantos alunos participaram desta Olimpíada? (incompreensível) quantos alunos? Oito milhões. É a segunda, não é isso? É a segunda. A [Olimpíada] de Matemática é um sucesso extraordinário e está aqui o nosso general... esse ganhou muita medalha. A escola militar brasileira dá muita medalha para Matemática. É impressionante a quantidade de medalhas que ganham os nossos meninos que estudam na escola militar. Mas a Olimpíada de Matemática já chegou a mais de 20 milhões de alunos. Nós tínhamos 274 mil oito anos atrás, oito anos não, foi em 2004, sete anos atrás que o Fernando Haddad era secretário executivo do Tarso Genro, entraram na minha sala para conversar -com cinco alunos que tinham ganhado medalhas em uma outra olimpíada – e nós decidimos levar para a escola pública, não é isso? Fizemos a primeira vez em 2005. Então, na verdade, nós temos cinco anos de Olimpíada, seis anos, e já estamos com 20 milhões de alunos participando. Hoje, aluno quer estudar no domingo para poder aprender Matemática, que era tida como uma matéria mais difícil para a meninada.

Então, companheiros, eu sou só agradecimentos hoje. Eu, sinceramente, faltam poucos dias para eu deixar o governo, mas eu saio com a alma lavada porque nós descobrimos como é bom fazer, que é possível fazer,



e tem como fazer. Basta que as pessoas que governam este país não se esqueçam nunca que elas não estão aqui para se servirem, mas nós estamos aqui para servir à sociedade brasileira, atendê-la naquilo que é importante atender. E por isso é que eu fico muito feliz. Eleger a Dilma, para mim, era um desafio tão grande quanto governar o país, porque quando nós começamos a discutir a Dilma tinha gente, mesmo no meu meio, que dizia: “Mas, Presidente, ela não é filiada nem a partido. Ela nunca participou, nunca disputou eleição para vereadora”. Eu falei: mas é essa que eu quero. Essa. Vamos testar uma mulher”. E, graças a Deus, o povo brasileiro respondeu, mais uma vez, de forma afirmativa. É mais uma vitória contra o preconceito. Depois de um metalúrgico, uma mulher; depois de uma mulher, pode ser outra mulher. Pode! E pode ser uma mulher negra, pode ser uma mulher índia, pode ser o que a gente quiser. Nós aprendemos que nós podemos, Eloi. O que nós não podemos é duvidar de nós mesmos.

Este material que o Fernando me entregou, este livro, no dia 15, agora, nós vamos registrar em cartório tudo o que foi feito em cada ministério, tudo. Cada ministro vai vir aqui, nós vamos ter uma sessão, e vai ser assinado em cartório cada centavo que foi gasto, cada obra que foi feita, o que não foi feito... Para que isso? Para a gente contar a história deste país. Nós vamos mandar para as bibliotecas, vamos mandar para as universidades, vamos mandar para os sindicatos, vamos mandar para o Congresso Nacional, talvez mandemos uma para cada redação de jornal, para todo mundo ter, porque eu não quero que quem vier a escrever a história deste país daqui a 50 anos só enxergue um lado da moeda. Eu quero que ele tenha todos os lados e eu quero que ele tenha a palavra oficial do governo, registrada em cartório. Se tiver alguma coisa que não seja verdade, não é que o ministro mentiu para a sociedade, mentiu para mim, porque eu não quero que ninguém coloque nada que não fez. Porque nós não temos história, não temos história, ou seja, as coisas não são guardadas com o devido carinho. Então, eu acho que é uma contribuição que a



gente vai dar, inclusive, para o futuro governo. A Dilma vai receber, cada ministro vai receber.

Eu trabalhava na Villares, eu trabalhava em uma linha de montagem. Eu trabalhava de dia em um mês, [em] um [outro] mês à noite, e tinha um parceiro. Então, a gente vivia contando as peças que o outro fazia. Chegava de noite e eu ia lá contar quantas peças ele fez porque eu queria fazer mais. Todo mundo é um pouco puxa-saco, não é? Eu sei que ele também ia contar as minhas, para ele fazer mais. Nessa disputa, quem ganhava era a empresa. Está vendo que loucura?

Bem, eu acho que vai ser importante entregar para cada ministro o que foi feito, porque quem vier vai ler e falar: “Eu tenho que fazer mais, eu não posso ficar para trás.” E aí, quando a gente terminar, a gente vai ver a Dilma fazer discurso, e ela vai começar: “Nunca antes na história do país... pela primeira vez na história do país...” Aí eu falo: Bom, valeu a pena a gente ter conseguido eleger a nossa querida Dilma presidente da República.

Um abraço. Parabéns a todo o povo da Educação, e parabéns ao companheiro Fernando Haddad pelo trabalho prestado nesta área.

(\$211 A)